

# Samora Machel critica economia moçambicana

AP. 11

Expresso

\*

pág. 2

26  
3  
83

O PRESIDENTE da República Popular de Moçambique, Samora Machel fez esta semana uma forte crítica à forma como a economia do país é planificada e dirigida. O dirigente moçambicano expôs a crise económica que a RPM atravessa ao falar na 11.ª Sessão da Assembleia Popular que durante três dias esteve reunida no Maputo, reunindo 200 deputados vindos de todo o país.

Num imprevisto no final do debate para aprovação do plano económico para este ano, Samora Machel criticou duramente a forma como a economia é dirigida a partir de gabinetes da capital.

«O melhor economista — disse então — fica nos gabinetes, não vai ao campo; não vai à fábrica. O agrónomo, especialista do milho, do arroz, do tabaco, fica na planificação, não vai ao campo. O geólogo, não vai ao terreno. Esta é a contradição.»

Mais tarde, no seu discurso de encerramento da Assembleia Popular, o Presidente moçambicano afirmou:

«Conquistámos o poder político, mas ainda não temos o poder económico», adiantando que o «afastamento dos quadros da realidade desenvolve o racismo, o tribalismo e o regionalismo», bem

como a «estratificação da sociedade moçambicana.»

Samora Machel classificaria depois as «acções militares contra o banditismo armado» (referência aos grupos que lutam contra o regime moçambicano) como bem sucedidas nos últimos meses. Machel admitiu no entanto que se hesita «em punir os perturbadores da ordem social».

«A acção das nossas estruturas é não só fraca, como chegámos ao cúmulo de dificultar a participação popular no processo de punição dos exploradores», adiantou numa referência ao aumento signifi-

cativo do mercado negro do país.

As suas duas intervenções, no imprevisto a respeito do Plano e no discurso de encerramento da 11.ª Sessão da Assembleia Popular, criaram uma enorme expectativa entre quadros do partido e do Exército que se vêm mostrando bastante preocupados com o agravamento da situação económica em Moçambique — que, na opinião de Samora Machel, passa por um «momento crítico».

«Consciente ou inconscientemente decide-se o futuro da nossa vida, do nosso Estado de operários e camponeses.»